

**FUNDAÇÃO OSWALDO ARANHA
CENTRO UNIVERSITÁRIO DE VOLTA REDONDA
CURSO DE GRADUAÇÃO EM PUBLICIDADE E PROPAGANDA
TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO**

JOÃO FELIPE SPACEK SILVA

**A CONSTRUÇÃO DE IDENTIDADE LGBT POR MEIO DO FUNK DE
COMUNIDADE E OS EFEITOS DE SUA CRIMINALIZAÇÃO**

**VOLTA REDONDA
2020**

**FUNDAÇÃO OSWALDO ARANHA
CENTRO UNIVERSITÁRIO DE VOLTA REDONDA
CURSO DE GRADUAÇÃO EM PUBLICIDADE E PROPAGANDA
TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO**

**A CONSTRUÇÃO DE IDENTIDADE LGBT POR MEIO DO FUNK DE
COMUNIDADE E OS EFEITOS DE SUA CRIMINALIZAÇÃO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Publicidade e Propaganda do UniFOA como requisito parcial à obtenção do título de bacharel em Publicidade e Propaganda.

Aluno:

João Felipe Spacek Silva

Orientadora:

Professora Mestra Stella Arantes Aragão

VOLTA REDONDA

2020

FOLHA DE APROVAÇÃO

Trabalho de Conclusão de Curso Intitulado **A CONSTRUÇÃO DE IDENTIDADE LGBT POR MEIO DO FUNK DE COMUNIDADE E OS EFEITOS DE SUA CRIMINALIZAÇÃO** elaborado por João Felipe Spacek Silva, apresentado publicamente, através da plataforma virtual TEAMS link: <https://web.microsoftstream.com/video/3ee66d24-8cc5-44ad-a976-ab8f159ed9b0> conforme Resolução CONSEPE nº 067 de 24 de agosto de 2020, envio pelo e-mail Institucional, no ambiente virtual Microsoft Teams, perante a Banca Avaliadora, como parte dos requisitos para conclusão do curso de Publicidade e Propaganda.

Aprovado em 06 de novembro de 2020.

Banca Avaliadora:

Professor(a) orientador(a)

Stella Arantes Aragão, Mestra, UniFOA

Professor(a) avaliador(a)

André Luiz de Freitas Dias, Doutor, UniFOA

Professor(a) avaliador(a)

Rogério Martins de Souza, Doutor, UniFOA

Dedico este trabalho a todas e a todos os meus que caminham e já caminharam nessa luta para e junto de mim. Aos que virão e aos que já foram; obrigado!

Agradeço aos meus amigos e a minha família que sempre acreditaram em mim, a minha orientadora por toda paciência e cuidado, e especialmente ao meu vózinho que resistiu o máximo que pode para ver este trabalho acontecer. Te amo onde quer que você esteja!

*Eu determino que termine aqui e agora
Eu determino que termine em mim,
mas não acabe comigo.
Determino que termine em nós e desate
E que amanhã, que amanhã possa ser
diferente pra elas
Que tenham outros problemas e
encontrem novas soluções
E que eu possa viver nelas
através delas e em suas memórias.*

Trecho da canção "Oração", de Linn da
Quebrada

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	7
2 MÉTODO E REFERENCIAL TEÓRICO	14
3 IDENTIDADE CONSTRUÍDA E IDENTIDADE APARELHADA: DISCURSOS POSSÍVEIS	17
3.1 Construção de Identidade.....	17
3.2 Ideologia e Identidade Aparelhada.....	19
3.3 Construção Identitária na Infância	21
3.4 Criminalização do Funk Enquanto Formação Ideológica e Discursiva	23
4 FUNK CARIOCA COMO PRODUTO DE ENCONTRO NA PERSPECTIVA LGBTQI+.....	26
4.1 O funk como produto de encontro.....	26
4.2 Funk de periferia: entrelaces do funk e do movimento LGBTQI+	29
4.3 Lacaia: história	29
5 EXECUÇÃO DO MÉTODO (ANÁLISE, RESULTADOS E DISCUSSÃO).....	40

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Furacão 2000

Figura 2: Baile Funk no Clube Boqueirão no Rio de Janeiro

Figura 3: Valesca Popozuda no Palco da Furacão 2000

Figura 4: Mulher Pepita

Figura 5: Linn da Quebrada

Figura 6: Lacreia

Figura 7: Mc Serginho e Lacreia

Figura 8: Participação de Lacreia em um Quadro no Programa da Eliana

Figura 9: Participação de Lacreia no programa O Melhor do Brasil

Figura 10: Lacreia

Figura 11: Paraisópolis

Figura 12: Protesto contra ação policial em Paraisópolis

Figura 13: Protesto contra ação policial em Paraisópolis

Figura 14: Lacreia

Figura 15: Lacreia

RESUMO

A presente pesquisa focaliza a compreensão da representatividade do funk no cenário musical popular brasileiro como objeto de luta de um povo incessantemente sufocado e silenciado pelo Estado. Assim, este estudo busca compreender a construção identitária da comunidade LGBT dentro do funk de comunidade brasileira, e os motivos para a criminalização da conduta de entretenimento, respaldando-se em uma hipótese de que há um processo promovido pelas classes dominantes que se preocupa em criar distanciamentos entre os conteúdos criados na periferia e possíveis consumidores de entretenimento. Problematisa-se as sociabilidades subordinadas a estas comunidades buscando compreender a estrutura dessa marginalização enquanto um problema social, racial, de classe e de gênero. O estudo realiza uma retomada da história e do desenvolvimento do ritmo no Brasil entrelaçando com as práticas sociais e dos discursos possíveis do nosso sistema político onde se é praticado, fazendo com que as reflexões realizadas permitam ampliar a compreensão do Estado como aparelho repressivo. Para isso, foram utilizados pesquisadores da área da comunicação (Althusser, Adorno, Foucault, Pêcheux) que atravessam por uma breve análise da formação da criminalização e marginalização nas construções independentes de cultura e arte, além de outras pesquisas dentro do âmbito educacional que somam para o desenvolvimento do estudo. A partir dos recortes e das análises realizadas ao longo da presente monografia, conclui-se a que o Estado tem um poder incontestável no processo de construção de identidade do sujeito, sendo ele desenvolvido através de discursos baseados em valores ideológicos e interesses políticos de dominação social. Quando o pobre se manifesta e se rebela contra o Estado, toda e qualquer movimentação realizada será automaticamente criminalizada e apresentada a população de maneira pejorativa e depreciativa, confirmando a veracidade da hipótese proposta no início deste projeto.

Palavras-chave: identidade; comunicação; cultura; funk; representatividade.

ABSTRACT

This research focuses on the understanding of the representativeness of funk in the Brazilian popular music scene as an object of struggle for a people who are constantly suffocated and silenced by the State. Thus, this study seeks to understand the identity construction of the LGBT community within the Brazilian community funk, and the reasons for the criminalization of entertainment conduct, supporting me a hypothesis that there is a process promoted by the dominant classes that is concerned with creating distances between content created in the periphery and possible consumers of entertainment. The sociability subordinated to these communities is questioned, seeking to understand the structure of this marginalization as a social, racial, class and gender problem. The study makes a resumption of history and the development of rhythm in Brazil, intertwining with the social practices and possible discourses of our political system where it is practiced, making the reflections made possible to broaden the understanding of the State as a repressive apparatus. For this, researchers in the field of communication (Althusser, Adorno, Foucault, Pêcheux) were used, who go through a brief analysis of the formation of criminalization and marginalization in the independent constructions of culture and art, in addition to other research within the educational scope that add up to the development of the study. From the excerpts and analyzes carried out throughout this monograph, it is concluded that the State has an undeniable power in the process of building the subject's identity, being developed through discourses based on ideological values and political interests of social domination . When the poor man demonstrates and rebels against the State, any and all movements made will automatically be criminalized and the population will be presented in a derogatory and derogatory way, confirming the veracity of the hypothesis proposed at the beginning of this project.

Keywords: identity; communication; culture; *funk*; representativity.

1 INTRODUÇÃO

Dentro da perspectiva de criação de cultura e entretenimento que se instaura no território brasileiro, é possível de se constatar, mesmo sem que haja uma noção mais aprofundada dentro da análise, principalmente nos discursos de pessoas que se encontram nas classes dominantes, que certos tipos de segmentos musicais, culturais ou quaisquer outros que se prezam a produzir arte, têm um tratamento desigual por causa de distintos fatores sociais.

Assim, há espaços para uma análise em que as relações sociais estão sempre em constante mudança e que existem diversos fatores de influência que constroem a sociabilidade espacial humana, sendo, um deles, a cultura, o que, geograficamente, faz com que elas se manifestem de maneiras distintas, de acordo com os costumes e particularidades de cada grupo, em cada região. Além disso, a sociedade é constituída por discursos ideológicos construídos há muitos anos, que permeiam pela coletividade criando normas e padrões a serem seguidos, fazendo com que estas relações estejam sempre atreladas a estes fundamentos.

Diante destas afirmações, a seguinte monografia discorre sobre como as relações de poder e estes discursos ideológicos interferem de forma significativa na construção identitária dos homossexuais e pobres das periferias, a partir do cerceamento do lazer do sujeito, bem como a criminalização de sua conduta de entretenimento, tendo seu olhar voltado ao funk enquanto elemento cultural originado nas periferias brasileiras. Problematiza-se as sociabilidades subordinadas a estas comunidades buscando compreender a estrutura dessa marginalização enquanto um problema social, racial, de classe e de gênero.

Entretanto, as noções que constroem esse percurso constitutivo também estão presentes dentro dos movimentos culturais, principalmente no que se relaciona com as questões de gênero ou de qualquer aspecto identitário que levante uma bandeira dentro dos assuntos da comunidade LGBTQIA+.

Essa pesquisa começa a partir de indagações que relacionam diversos âmbitos do conhecimento, a partir de uma análise dentro da Comunicação enquanto campo teórico. Nesse sentido, utilizando uma base fundamental encontrada em textos que são amplamente estudados dentro das teorias da Comunicação – principalmente no que se refere aos aparelhos ideológicos e a produção de uma

indústria cultural – e uma análise de aspectos sociais e históricos brasileiros, se questiona: quais são as prerrogativas que sustentam a negação do entretenimento às camadas populares, que são constituídas de pessoas pobres e periféricas?

Essa pergunta inicial também se coloca num movimento que tenta compreender as pressões que esses grupos que produzem entretenimento e cultural sofrem do lado de fora – ou seja, pelas massas dominantes – como do lado de dentro. A perspectiva de análise das questões identitárias se relaciona, nesse lado de dentro, principalmente como isso é dado aos homossexuais que produzem conteúdo nesse contexto.

No sentido desse questionamento, outras implicações se somam para ampliar um possível vislumbre na pesquisa aqui proposta: por que a música, a arte e a voz do pobre não pode ser ouvida, ou, assim, a quem é dado o direito de falar e a quem é negado? Essas proposições, em formatos de perguntas, se colocam, também, para alcançar resultados no que diz respeito à periculosidade da produção discursiva de camadas específicas que tendem a ser silenciadas pelas elites dominantes. Isso se preocupando com o discurso do funk como alvo de marginalização e criminalização num mesmo tom que, outrora, fora proposto para a produção musical do samba, a título de exemplo.

Essa lógica de silenciamento é realizada a partir de um processo estratégico bem elaborado, que se perfaz na repressão de qualquer meio que objetive a compreensão dos discursos que não são vistos como parte de uma produção artística e cultural dominante.

Assim, quando se coloca a questão de uma marginalização e criminalização da produção cultural específica de uma população, cabe relacionarmos os aspectos comunicacionais e suas implicações aos outros campos do saber, com o intuito de criar uma intersecção entre disciplinas específicas que possam criar uma compreensão da realidade.

Dentro do espaço aqui delimitado, a produção de discurso no entretenimento nas periferias segue um modelo que se limita à realidade proposta. Nesse sentido, a produção de discurso também é alvo de marginalização e criminalização. A hipótese se dá de uma forma dicotômica, sendo em um primeiro momento a leitura da criminalização e marginalização da expressão cultural do Funk e, em um segundo

momento, o aparelhamento ideológico dentro da produção artística do funk em relação às questões de gênero e sexualidade.

Em outros termos, a hipótese central é de que há um processo promovido pelas classes dominantes que se preocupa em criar distanciamentos entre os conteúdos criados na periferia e possíveis consumidores de entretenimento. A inovação trazida pela presente pesquisa é traduzida pela noção de que essa relação se dá tanto de dentro para fora, como de fora para dentro, ou seja, ao mesmo tempo que se marginaliza o discurso do funk, há um aparelhamento ideológico que discrimina a população LGBTQ+.¹

Essa hipótese se respalda em um levantamento bibliográfico inicial que será realizado e, a partir de uma análise automática do discurso – que compara e analisa especificamente a experiência da artista Lacraia, mas retoma outros casos essenciais para as explicações do objeto – e da aplicação dos conceitos rebuscados nas teorias da comunicação, será possível constatar o seu conteúdo falseável ou não.

O presente trabalho tem o objetivo compreender a construção identitária da comunidade LGBT dentro do funk de comunidade brasileira, e os motivos para a criminalização da conduta de entretenimento, em sua forma de comunicação, para a população pobre dentro das periferias, a partir de um estudo com referenciais bibliográficos que evidenciem o assunto supracitado. A partir do objetivo principal, colocam-se outras questões, que também, se relacionam principalmente com a característica de intersecção proposta pela presente pesquisa. Para tal, a execução do objetivo geral coloca como necessário um percurso específico para o seu desenvolvimento.

Assim, coloca-se, como objetivos mais detalhados, os seguintes: a) analisar a sociabilidade espacial humana e os padrões de coletividade impostos por influências ideológicas que dividem as relações humanas em grupos, onde os iguais se encontram e convivem isoladamente; b) conceituar o funk, discorrendo sobre sua trajetória desde seu surgimento e também sobre sua representação social enquanto

¹ **LGBTQIA+** é o movimento político e social que busca lutar pelos direitos e inclusão de pessoas de diversas **orientações sexuais e identidades de gênero**. (Disponível em: <https://www.educamaisbrasil.com.br/educacao/dicas/qual-o-significado-da-sigla-lgbtqia>) Acesso em: 30 de novembro de 2020.

particularidade cultural e artística nas periferias; c) apresentar um breve histórico da luta LGBT no funk, citando artistas que participaram deste processo em busca da inclusão e aceitação neste espaço de persistência; d) discorrer sobre a estrutura da marginalização do funk enquanto problema social, racial e cultural dentro do nosso país através de um estudo com referenciais bibliográficos que evidenciem o cerceamento da cultura ao pobre e LGBTQ+ nas periferias; e) realizar análise a partir dos conceitos delimitados pela análise automático do discurso, dentro do caso específico da Lacreia.

O tema pode-se considerar relevante a partir do momento que parte de uma auto-revelação como um problema social e opressor presente nos territórios brasileiros com princípios repressivos, afetando de forma significativa na vivência de um grupo ou comunidade, que logo, demanda destes grupos, uma longa jornada de luta e persistência em busca de direitos básicos, como: poder de voz, acesso ao lazer e principalmente o direito de existência. Torna-se importante o conhecimento da construção de identidade destes grupos e da representatividade que estes mesmos encontram em suas particularidades culturais, reconhecendo o poder de expressão de suas verdades num formato artístico e transparente.

O presente trabalho apresentará um estudo aprofundado para que se conheça mais a fundo a problemática desta questão, podendo compreender os possíveis causadores e as possíveis soluções ao impasse supracitado, tornando-se necessário a discussão do assunto para conhecimento dos motivos para a sociedade estar tirando o que é do pobre e do periférico por direito, sem que o mesmo infrinja a constituição. Além disso, a presente pesquisa apresenta um caráter inovador no que se refere ao método e à produção hipotética que direciona as questões colocadas inicialmente. Nesse sentido, essa pesquisa possibilitará não apenas uma plataforma de visibilidade para a comunidade LGBTQ+, mas para a produção científica que se propõe a analisar discursos ideológicos que oprimem como um todo. No âmbito publicitário, a monografia se faz de importante relevância para a desconstrução dos estigmas criminalizados e ligados a depreciação no qual é representado pela população LGBTQ+ quando inseridos nos grandes meios comunicacionais.

2 MÉTODO E REFERENCIAL TEÓRICO

O seguinte trabalho será dividido em duas etapas, sendo a primeira dela um levantamento bibliográfico, utilizando referencial em livros e artigos que tenham relação ao tema e tragam um refinamento destes materiais para melhor compreensão da verdade que dialoga com esta proposta, e uma segunda etapa de análise, dentro do recorte, a partir da revisão bibliográfica feita anteriormente. Esta segunda etapa metodológica se dará pela utilização da análise do discurso, em uma de suas variações dentro de sua vertente francesa.

Para iniciar com as questões sobre a criação de conteúdo fora de experiências hegemônicas, será necessário, inicialmente, um levantamento bibliográfico amparado nas teorias da Comunicação – dentro da especificidade da pesquisa aqui posta – e questões sobre a formação social brasileira. Opta-se, então, pelo uso da análise do discurso, em consonância com as peculiaridades do caso estudado, a saber, a figura da Lacreia.

- Em seguida, com o percurso metodológico, este projeto abordará as possíveis formações de discurso para a construção da identidade e seu aparelhamento. A apresentação trará a conceituação bibliográfica para possível compreensão dos termos e estudos aqui aplicados, a partir das seguintes obras e autores; a) Louis Althusser com os “Aparelhos Ideológicos do Estado”; b) Theodor W. Adorno com “Indústria Cultural”; c) Michael Foucault com “A Ordem do Discurso”; d) Michel Pêcheux com “Análise do Discurso Francesa”. O estudo também atravessará por uma breve análise da formação da criminalização e marginalização pela elite nas construções independentes de cultura e arte.

Na segunda etapa, os conceitos de comunicação, mais específicos em seus estudos e teorias críticas, serão delimitados, discutidos e comparados a partir da aplicação na pesquisa de casos reais dentro das periferias brasileiras, como truculências policiais e homicídios em massa dentro de Baile Funks, assim, buscando relacioná-los com o objeto geral deste estudo e possibilitando a discussão destes efeitos.

Opta-se, nesse sentido, pela escolha da análise automática do discurso, teorizada por Michel Pêcheux, principalmente no que se refere à ideologia e ao interdiscurso. Assim,

A análise automática do discurso é o suporte metodológico que permitirá estudar o objeto novo, passam a circular termos como: processo discursivo; processo de produção do discurso e condições de produção. O discurso é concebido visto fatores exteriores. Contexto histórico-social. Soma-se também a noção de não-dito constituinte do sentido na conjuntiva com o interdiscurso (SILVA; RODRIGUES, 2017, p. 4).

Mesmo optando por uma linha clássica da análise do discurso, a pesquisa que aqui se desenvolverá visa extrapolar as noções processuais do método para além da coleta de dados, análise e resultado, construindo o conhecimento a partir do direcionamento de que tanto as instituições sociais como os indivíduos são mutáveis e se relacionam subjetivamente.

Assim, toda a pesquisa será realizada a partir da noção dos conceitos de ideologia, heterogeneidade, discurso e aparelhamento ideológico, perpassando também a noção de interdiscurso. Essa trajetória será realizada em acordo com todo o contexto histórico-social dado pelo caso escolhido para análise. O recorte do método, então, faz-se enquanto análise da discriminação de gênero (ou daquela que se faz quando há uma ausência do binarismo de gênero) pelo discurso dentro de uma comunidade específica que produz cultura e expressão artística que já é marginalizada e criminalizada.

Delimita-se, dessa forma, o tema de pesquisa dentro desse panorama da construção e manutenção dos discursos na sociedade, que exercem pressão sobre as comunidades que se manifestam culturalmente nas periferias. Cabe ressaltar que o tema escolhido não se perfaz enquanto *objeto*, exatamente para afastar qualquer aspecto de coisificação dos corpos que figuram a pesquisa.

O presente estudo se utilizará de um levantamento bibliográfico inicial, dentro dos conceitos delimitados: Louis Althusser (1918 – 1990) com a noção de “aparelhos ideológicos do Estado”; Theodor Adorno (1903 – 1969) com a teoria da indústria cultural; Michel Pêcheux (1938 – 1983), com o referencial metodológico da análise do discurso em sua vertente francesa. A figura específica utilizada para a aplicação

desses conceitos é a dançarina Lacreia, que ficou conhecida por fazer parte de uma dupla com um cantor de funk.

3 IDENTIDADE CONSTRUÍDA E IDENTIDADE APARELHADA: DISCURSOS POSSÍVEIS

Respaldado em algumas teorias clássicas dentro dos estudos da Comunicação, este capítulo se preocupa em analisar as questões de identidade e de discurso a partir de uma leitura de textos específicos que trazem um aprofundamento das práticas comunicacionais. É importante ressaltar que, para entrelaçar um no outro, é preciso que se desenvolva um devir proposital que proporcione a retomada em qualquer instante.

3.1 Construção de Identidade e Discurso

Para melhor compreensão do assunto discutido neste estudo, torna-se necessária uma noção clara do conceito de “identidade” para que se reconheça como se dá sua formação e sua aplicação nos exemplos e contextos que dialogaremos ao longo da presente monografia. Para Silva (2003), a identidade se constitui pela diferença, sendo esta, pois, a condição de existência daquela. O autor acrescenta que:

A identidade e a diferença não podem ser compreendidas, pois, fora dos sistemas de significação nos quais adquirem sentido. Não são seres da natureza, mas da cultura e dos sistemas simbólicos que a compõem. Somos nós que as fabricamos no contexto de relações culturais e sociais (RODRIGUES apud. SILVA, 2003, p. 76).

A partir deste direcionamento, entendemos que a formação do sentido de identidade se dá a partir das diferenças do outro, sendo assim, indissociável com a construção discursiva situada na soma de nossas interações sociais com a cultura que nos é passada diante destas relações em um dado momento histórico. O sujeito, então, é tratado como um ser empírico que pode ser fragmentado ou múltiplo, assim como as identidades que o constituem. Segundo uma frase, usada repetidas vezes em contextos diversos do filósofo John Locke (1632 – 1704), o indivíduo, por sua vez, nasce como uma folha em branco a ser preenchida, ou seja, a partir de uma interpretação dessa noção, todos os seres humanos nascem com a

consciência desprovida de qualquer tipo de conhecimento, fazendo com que a identidade do individuo se forme por meio de suas experiências históricas, sociais e culturais.

Sobre esse percurso, o sentido de identidade do sujeito também é constituído e marcado pelas construções simbólicas e culturais, a partir dos discursos que lhe são passados durante seu processo evolutivo, que o permitem ressignificar uma identidade social e se inserir em diferentes grupos. Não há identidade sem sujeito e também não existe sujeito sem discurso.

Para Orlandi (1999 p. 21), o discurso define-se como um “efeito de sentido entre locutores”, com a noção de que a comunicação através dele, seria então, uma mera transmissão de informação que se perpassa como um processo social que se molda a partir da materialidade de sua base. A ideologia vislumbra-se neste espaço, a partir do momento que se constitui na linguagem e da formação do sujeito, logo, toda formação discursiva se torna ideológica. A análise de Foucault (1996) revela que a natureza do discurso depende não de um mundo real, estável, natural representado no discurso, mas de um mundo histórico e social, fluído e mutável. A formação discursiva pode então, ser compreendida como uma apresentação material da formação ideológica, na qual entrega ao analista toda constituição do sujeito e das ideologias que o predominam. O autor completa:

O discurso não é simplesmente aquilo que traduz as lutas ou os sistemas de dominação, mas aquilo por que e pelo que se luta, o poder do qual nos queremos apoderar. Existe em nossa sociedade outro princípio de exclusão: não mais a interdição, mas uma separação e uma rejeição. Penso na posição razão e loucura. (FOUCAULT, 1996 p. 10)

No cenário social nos dias de hoje, existe uma segregação socioespacial em que padrões de aceitabilidades sociais são estabelecidos pelos Aparelhos Ideológicos do Estado; órgãos privados de poder e influência que buscam através da Ideologia ensinar as crianças e aos homens como devem se comportar e prepará-los para uma vida possível de corresponder às exigências de suas condições de existência, além de tentar criar uma dominação comportamental da sociedade, sendo eles: O Estado, a Escola, a Igreja, a Policia e outros, que a partir desta produção discursiva, também contribuem efetivamente para a construção do sentido de identidade (ALTHUSSER, 1970).

3.2 Ideologia e Identidade Aparelhada

Para o filósofo Louis Althusser, a ideologia seria como um conjunto de relações que ocultam ou representam erroneamente as relações reais, pois expressa a maneira pela qual os indivíduos vivenciam uma situação, não a maneira pela qual eles a conhecem, como se o sujeito vivenciasse certas situações respaldado em expectativas que foram criadas pelo seu imaginário a partir das construções ideológicas que lhe foram passadas, mas que na troca real e humana, não é bem assim que as coisas funcionam.

Na ideologia os homens expressam, com efeito, não as suas relações nas suas condições de existência, o que supõe, ao mesmo tempo, relação real e relação “vívda, imaginária” [...]. Na ideologia, a relação real está inevitavelmente invertida na relação imaginária: relação que exprime mais uma vontade (conservadora, conformista, reformista ou revolucionária), mesmo uma esperança ou nostalgia que não descreve uma realidade (VAISMAN apud ALTHUSSER, 1963, p. 207).

Nesse sentido, a Ideologia então, proporciona ao indivíduo ferramentas para fortificar seus valores, crenças e verdades a partir das formas como o mesmo se imagina e imagina o mundo. Pode-se ler também, como um cimento da sociedade, onde o sujeito aceita todo tipo de condição de produção e existência sem que isto seja questionado, enraizando sutilmente as regras de conduta das engrenagens sociais à custo da garantia de dominação de classe. O autor explica:

‘Tudo ocorre como se as sociedades humanas não pudessem subsistir sem estas formações específicas, estes sistemas de representações (em diferentes níveis) que são as ideologias. As sociedades humanas secretam a ideologia como o elemento e a atmosfera indispensáveis para sua respiração, para sua vida histórica. Só uma concepção ideológica do mundo pode imaginar sociedades sem ideologia (ALTHUSSER, 1967, p. 192).

Com isso, compreende-se a predominante influência da ideologia nas condições de existência do sujeito, fazendo-se presente em suas decisões e formas de enxergar o mundo.

É de fácil percepção como os diversos gestos de interpretações também estão altamente ligados às ideologias na qual o sujeito está submetido, podendo, a partir de um fato, gerar diferentes formas de assimilação e interpretação do discurso

que foi proposto pelo enunciador. Ademais, as diferentes formas de interpretação dos discursos submetidos se revelam ligadas às ideologias do indivíduo, pois a partir delas, surgirá a produção de evidências onde o sujeito atue fielmente a sua relação imaginária. Nesse sentido, Rodrigues (2011, p. 30) diz que “a ideologia junta as palavras às coisas, produzindo sentidos determinados, fazendo que, no entanto, o sujeito pense ser o autor do seu próprio dizer”.

A seguir, torna-se necessário uma atenção maior à noção conceitual do termo “Aparelho de Estado” (AE) no intuito de aprimorar o conhecimento para o assunto supracitado. Segundo a conceituação,

O Aparelho de Estado (AE) compreende: o Governo, a Administração, o Exército, a Polícia, os Tribunais, as Prisões e etc, que constituem aquilo a que chamaremos a partir de agora: o Aparelho Repressivo de Estado. Repressivo indica que o Aparelho de Estado em questão, funciona pela violência, - pelo menos no limite (porque a repressão, por exemplo administrativa, pode revestir formas não físicas). Designamos por Aparelhos Ideológicos de Estado um certo número de realidades que se apresentam ao observador imediato sob a forma de instituições distintas e especializadas (ALTHUSSER, 1970, p.43).

Diante deste conceito, entende-se que os “Aparelhos Ideológicos de Estado” possuem o poder de criar barreiras sociais por meio da ideologia dominante, para que toda produção discursiva ou artística destas camadas específicas que enfrentam a repressão do Estado, torne-se automaticamente depreciado, criminalizado e incessantemente distanciado para que não atinja a superfície; posição social predominante onde coexistem toda a classe, que com eles, consente. Segundo Althusser (1970), nenhuma classe pode duravelmente deter o poder de Estado sem exercer simultaneamente a sua hegemonia nos Aparelhos Ideológicos de Estado.

Em outra via, a partir de uma perspectiva na obra "Industria Cultural", o filósofo Theodor W. Adorno levanta a hipótese de que manter as classes subordinadas – sendo elas: a classe média e a classe trabalhadora – sempre em constante alienação, não proporcionando a elas resquícios de um possível interesse no envolvimento dos processos históricos, nas notícias, nas decisões e nas lutas, é interessante para quem controla essas classes, neste caso, os Aparelhos Ideológicos do Estado, pois as mantém em constante silêncio e subordinação.

O autor, então, atenta-se em analisar o formato como a sociedade recebe as informações, que nos são passadas por meio de noticiários televisivos. O indivíduo ao sentar-se em frente à TV, recebe as informações superficialmente e não tem tempo o suficiente para compreender a problemática do acontecimento e, também, o direito de um possível questionamento. As informações são passadas sem chance de proposta, o que, assim, torna a população apenas espectadores, seres em constante submissão de trabalho e condições de existência que passam o tempo livre se alienando com todo tipo de entretenimento criado pela massa para fugir da realidade conturbada na qual se é vivida e dos problemas sociais que nos assombram historicamente, como: fome, pobreza, desmatamento, criminalização dos jovens, racismo, truculências policiais, LGBTQ+fobia e outros.

Portanto, com os corpos pobres sempre a margem da sociedade, que transitavam entre olhares enfezados à agressões verbais, morais e em sua grande maioria, física, fez-se necessário que estes grupos marginalizados produzissem seus próprios meios de sobrevivência á custo da segregação social a partir destes discursos ideológicos, criando grupos de pessoas ou bolhas sociais onde os iguais se encontram e coexistem em liberdade, produzindo suas próprias particularidades culturais, como suas próprias músicas, seus próprios filmes e todo posicionamento político através da arte. (SOUZA, 2011)

3.3 Construção Identitária na Infância

A partir destas problemáticas, torna-se de possível compreensão a premissa de que a identidade do indivíduo é constituída a partir destas construções discursivas que lhe são atribuídas sem seu consentimento, pois experencia-se um controle de classe onde se é aplicado tudo que for do interesse da massa.

Um grande exemplo de como este discurso tem se enraizado por gerações - visto que tem se mantido como um bem cultural das nossas infâncias com o mesmo interesse político-social há muitos anos - é o famoso jogo de tabuleiro “Jogo da Vida”, que marcou a geração de nossos pais e que ainda se faz presente nos dias de hoje, que repassa para as crianças modos de viver, estar no mundo e de encarar a vida transformados em brincadeiras.

O interessante a se analisar, é que o jogo objetiva denominar como vencedor, o participante que mais juntou dinheiro ao decorrer das partidas. Que passou por todas as casas e terminou com o máximo de dinheiro possível, considerando até um magnata. Em contrapartida, perde, o participante que for morar no campo e se tornar filósofo. Em outro exemplo, também presente no mundo dos jogos de tabuleiros, encontra-se o “Banco Imobiliário”, onde denomina-se como vencedor, o participante que tiver mais propriedades e imóveis. Por outro lado, perde, o participante que for à falência, não tiver dinheiro e nem onde morar.

A partir destas formulações no conceito de vencedor, perdedor, e como é estipulado necessidades materiais para uma vida feliz e um status social respeitável, podemos analisar como estas brincadeiras são construídas com um interesse ideológico mascarado de treinar e ensinar as crianças para viverem suas vidas em mundo onde é preciso gerar dinheiro sem nenhum tipo de escrúpulo, de forma violenta, capitalista e cruel.

A vida, então, é vista como uma mera mercadoria a partir de sua monopolização pelos mecanismos de consumo, onde todos os seus esforços se concentram no sentido de fazer com que os modos sociais de viver e estar no mundo estejam abarcados nos moldes da ideologia. Em suma, o sujeito tem seu valor moldado a partir do seu poder aquisitivo, onde quanto mais se tem, mais se é.

O traço característico desta época é que nenhum ser humano, sem exceção, é capaz de determinar sua vida num sentido até certo ponto transparente, tal como se dava antigamente na avaliação das relações de mercado. Em princípio, todos são objetos, mesmo os mais poderosos (ADORNO, 1992, p. 31).

Respalhando-se diante destas afirmações, percebe-se que a construção identitária e o sentido de vida do sujeito, são fielmente moldados a partir de uma forte influência de interesses políticos que lhe são atribuídos e normalizados durante todo seu processo evolutivo enquanto ser humano, tanto na infância quanto na vida adulta. Se olhado a partir destas percepções, destaca-se o desejo do estado em controlar e educar as crianças para se tornarem objetos contidos a fim de reproduzir estes interesses através de seus discursos e posicionamentos.

3.4 Criminalização do Funk Enquanto Formação Ideológica e Discursiva

Em 2017, por meio do site E-Cidadania, um portal criado em 2012 pelo Senado Federal, com o objetivo de estimular e possibilitar maior participação dos cidadãos nas atividades legislativas, orçamentárias, de fiscalização e de representação do Senado, foi registrado, por um usuário, o seguinte depoimento:

É fato e de conhecimento dos Brasileiros difundido inclusive por diversos veículos de comunicação de mídia e internet com conteúdos podre alertando a população o poder público do crime contra a criança, o menor adolescentes e a família. Crime de saúde pública desta "falsa cultura" denominada "funk". Os chamados bailes de "pancadões" são somente um recrutamento organizado nas redes sociais por e para atender criminosos, estupradores e pedófilos a prática de crime contra a criança e o menor adolescentes ao uso, venda e consumo de álcool e drogas, agenciamento, orgia e exploração sexual, estupro e sexo grupal entre crianças e adolescente, pornografia, pedofilia, arruaça, sequestro, roubo e etc. (MARCELO ALONSO, 2017).

Ainda que o linguajar da contribuição do cidadão possa remontar a análise dos antigos órgãos censores da ditadura civil-militar brasileira², trata-se de opinião sobre a cultura do funk que habita a mentalidade de parte expressiva da sociedade. A partir deste depoimento, é importante analisar estritamente, a fala do sujeito como uma reprodução de discurso não-autoral e cravado por sua ideologia dominante. Deveriam ser, estes discursos que se articulam em torno de representações musicais como o funk, o hip-hop e o samba como garantidores de um sociabilidade juvenil para além da criminalidade. As atividades culturais são importantes porque tiram os jovens da ociosidade, dando-lhes a oportunidade de estimular a criatividade, habilidades e talentos até então desconhecidos. (SOUZA, 2006, 2 p)

É de fácil compreensão a insatisfação que o indivíduo demonstra precisamente ao reproduzir este discurso, quando opta-se na leitura deste como uma marca de seu posicionamento ideológico, percebe-se que seus valores, princípios e verdades não são apenas do sujeito enunciador e sim de toda formação

² O regime militar montou um tripé repressivo, baseando-se no trinômio vigilância-censura-repressão. Por "vigilância", o regime entendia a produção de informações e a espionagem sobre pessoas e organizações vistas como subversivas ou opositoras. (Disponível em: <http://memoriasdaditadura.org.br/repressao/>) Acesso em: 30 de novembro de 2020,

ideológica, composta pelos Aparelhos Ideológicos (ALTHUSSER, 1974), que atua disfarçadamente como ferramenta de imposição.

Neste protótipo, o formato de cultura e entretenimento do pobre, foi erradicado e visto como um caos para o restante da sociedade, fazendo com que os bailes funks sofressem uma intervenção punitiva e restritiva, permeando pela associação criminosa, tais como: tráfico, estupro, roubo, pedofilia e outras atrocidades. Dentro deste depoimento realizado por Marcelo, o funk é descrito como um crime contra a família, sendo que muitas famílias dentro e fora das periferias e das comunidades brasileiras são sustentadas por artistas que ganham a vida nestes bailes. Portanto, percebe-se diante da fala, que o enunciador Marcelo Alonso faz parte de uma coletividade e realidade social completamente distinta da de quem produz o movimento criminalizado, tendo para si um conceito de família e arte que não engloba e não conversa com o sentido do outro.

Ao analisar o tratamento policial e social destes grupos, compreende-se a proposta desta política de criminalização fundida em algo velado. As classes dominantes e os órgãos de poderes públicos, não repudiam este elemento cultural através de uma vasta análise compreendendo a vivência e as condições dos grupos periféricos que o consomem, mas sim dos conceitos de cerceamento a “ociosidade”, “falta de submissão”, “liberdade de expressão” e ao desejo de se divertir que não se coaduna com a vida do pobre, que é historicamente socializado para se encaixar numa condição de existência onde o mesmo deveria se render á cultura proposta pela elite e não de criar suas próprias particularidades.

Em suma, a Ideologia consegue agir de forma inconsciente, como um modelador de caráter, fazendo com que o sujeito de forma inconsciente a reproduza, a defenda e a reforce como formas de viver e enxergar a vida, configurando então sua formação ideológica que se materializa no discurso, cuja proposta norteia o que pode ser e não pode ser dito.

Falaremos de formação ideológica para caracterizar um elemento (este aspecto da luta nos aparelhos) suscetível de intervir como uma força em confronto com outras forças na conjuntura ideológica característica de uma formação social em dado momento; desse modo, cada formação ideológica constitui um conjunto complexo de atitudes e de representações que não são nem "individuais" nem "universais" mas se relacionam mais ou menos diretamente a posições de classes em conflito umas com as outras (RODRIGUES apud PÉCHEUX: FUCHS, 1997 p. 166).

As formações ideológicas constituem entre si, relações de dominação e aliança que se organizam a partir dos confrontos e das lutas de classes construídas pelos Aparelhos Ideológicos do Estado (AIE), caracterizando-se por possuírem a capacidade de confronto com outras formações sociais em sua conjuntura ideológica.

4 FUNK CARIOCA COMO PRODUTO DE ENCONTRO NA PERSPECTIVA LGBTQI+

Neste capítulo serão abordados os principais aspectos que cercam o tema do funk, perpassado pela cultura LGBTQI+, levando em consideração as suas peculiaridades e fenômenos que o constituem como movimento cultural.

4.1 O funk como produto de encontro

O que hoje se conhece como Funk Carioca possui uma extensa caminhada que foi trilhada inicialmente nos Estados Unidos na década de 1960. O Ritmo que surgiu de uma derivação dos gêneros musicais R&B³ e Soul⁴, começou a atingir as periferias brasileiras num momento em que outros gêneros musicais elitizados como Jazz e Bossa Nova tomavam conta de todo país. O Ritmo, então, aterrissou em terras brasileiras inicialmente em bailes da Zona Sul na cidade do Rio de Janeiro e posteriormente foi se instalando aos poucos nas áreas periféricas da cidade e ganhando cada vez mais espaço dentro das favelas, atingindo uma multidão de jovens e artistas locais que, a partir de todo o contexto supracitado que criminaliza e banaliza questões raciais, de classe, gênero e sexualidade, enxergariam a possibilidade de expressar sua arte e compartilhar sua vivência através da música, utilizando-se do ritmo como um produto de encontro entre a favela e o asfalto, levando até a superfície problemáticas e questionamentos destas camadas populares para diferentes esferas e classes sociais. (MIZRAHI, 2014 p. 12)

Figura 01: Furacão 2000

³ Rhythm and blues ou R&B é um termo utilizado principalmente para se referir a um subgênero com influências de soul, funk e hip-hop na música pop, usado originalmente para descrever gravações comercializadas predominantemente por artistas Afro-Americanos. (Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Rhythm_and_blues) Acesso em: 30 de novembro de 2020.

⁴ Soul é um gênero musical popular que se originou na comunidade afro-americana dos Estados Unidos nos anos 1950 e no início dos anos 1960. Combina elementos da música gospel afro-americana, rhythm and blues e jazz. (Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Soul>) Acesso em: 30 de novembro de 2020.



Fonte: <https://djzeroberto.blogspot.com/2017/11/historia-da-furacao-2000.html>

Na década de 1970, Gilberto Guarani e Rômulo Costa foram responsáveis pela fusão de duas equipes de som que foram ferramentas essenciais para a divulgação e popularização do Funk Carioca por todo país, surgindo então a famosa Furacão 2000, que atuou como equipe de som, produtora e gravadora carioca, que produzia shows onde equipes de som se confrontavam musicalmente dentro dos então conhecidos bailes funk, abrindo também espaço para os que artistas locais, mais conhecidos como *MC's*⁵, se apresentassem á um público que foi ganhando cada vez mais força ao passar dos meses. Segundo o DJ Zé Roberto (2017) em seu blogspot pessoal, o mesmo conta a lenda que o nome Furacão 2000, surgiu após um comentário feito pelo ex-presidente da república, Humberto Castelo Branco, que já previa o funk como um “Furacão”, acreditando na possibilidade de um estrondoso sucesso. (Disponível em: <https://djzeroberto.blogspot.com/2017/11/historia-da-furacao-2000.html>)

Nesta época, as letras retratavam estritamente as dificuldades que os moradores das comunidades periféricas da cidade do Rio de Janeiro enfrentavam a partir das discriminações raciais reforçadas por policiais e pelo sufocamento do Estado.

As músicas de gueto trazem em sua gênese a força e a denúncia desse povo excluído, discriminado e esquecido pelo Estado, que através da música, conseguem expressar sua existência e produzir seu próprio reduto cultural (LUCHTEMBERG, 2017 p. 13)

⁵ MC é um acrônimo de Mestre de Cerimônias, aquele responsável pela condução da festa, que conduzem eventos importantes. Além de DJ's, cantores de Funk também usam a sigla antes de seus nomes. (Disponível em: <https://www.jornalnopalco.com.br/2015/03/14/voce-sabe-o-que-significa-a-sigla-mc-utilizadas-pelos-funkeiros/>) Acesso em: 30 de novembro de 2020.

A partir disso, o Funk obteve um alcance tão grandioso e barulhento que por sua vez, deixou de ser consumido apenas dentro destas comunidades, se tornando uma febre entre os jovens, adentrando casas de famílias tradicionais brasileiras e de classe média, resultando tanto em um reconhecimento nacional, tornando-se um dos maiores símbolos culturais da cidade do Rio de Janeiro, quanto internacional, especialmente na Europa.

Assim como o Hip Hop e o Samba foram duramente criticados e classificados pela elite como instrumento utilizado por organizações envolvidas no tráfico para recrutar jovens para a vida do vício e do crime, o Funk também serviu como alvo deste sufocamento nos anos de 1990 em sua ascensão no cenário musical brasileiro. Isso se deu, a partir da grande aceitação do funk em diversos segmentos sociais da juventude carioca. Compreende-se funk, como uma manifestação artística de caráter popular no Brasil e que está altamente ligada a população pobre e de periferia, portanto, o estigma de marginalização já estava enraizado.

Rebuscando o que fora dito anteriormente, dentro da sociabilidade espacial humana que experiencia-se no dia-a-dia, padrões de aceitabilidades são estabelecidos pelas classes dominantes, onde se faz o enaltecimento daquilo que provém da produção das grandes elites e do sufocamento das produções estruturadas pelas camadas populares. Assim, se observado no contexto musical, destaca-se como os gêneros musicais elitizados como Jazz e a Bossa Nova são constantemente aplaudidos e aclamados em diversas formas e esferas enquanto outros gêneros populares como o Funk, Samba e Rap são incessantemente criticados e invisibilizados pelo Estado e pelas classes dominantes.

A localização do funk no ambiente da favela é muitas vezes acompanhada de um discurso de denúncia da “criminalização” que o ritmo sofre, vinculando a restrição em sua circulação ao histórico preconceito racial e de classe de que são alvo os seus produtores e consumidores majoritários (MIZRAHI, 2014 p. 21).

Diante deste contexto, o Funk tem sido constantemente utilizado como porta-voz destas camadas populares como forma de posicionamento e de persistir diante destas condutas de marginalização, abordando francamente em suas letras e com grande teor de criticidade, diversos sentimentos destas camadas populares e dos efeitos de sua criminalização construída pelas grandes elites para com jovens negros, pobres, LGBTs e excluídos que coexistem dentro de comunidades

periféricas brasileiras lutando constantemente por direitos básicos, como respeito, voz e espaço na sociedade enquanto ser humano. O funk tornou-se um mecanismo de resistência pois foi fruto de uma luta contra o preconceito e a discriminação ao ritmo que veio da favela, tornando-se uma manifestação cultural fortemente ligada as camadas populares.

Além disso, o ritmo se constitui de batidas contagiantes e em alto volume que conquistam a população sem grandes esforços, abrindo espaços para coreografias e e uma condição de liberdade de existência independente de raça, gênero ou sexualidade. O funk compartilha da forma mais pura e real as dores da periferia e de um povo marginalizado e excluído socialmente, que proporciona através da arte momentos de felicidade, entretenimento e lazer.

Figura 02: Baile Funk no Clube Boqueirão no Rio de Janeiro



Fonte: <https://www.anf.org.br/e-som-de-preto-de-favelado/>

4.2 Corpo, Sexualidade e Funk de periferia: entrelaces do funk e do movimento LGBTQI+

Sendo um gênero musical com gênese num povo marginalizado e excluído, a fusão entre o Funk e a comunidade LGBTQ se dá através da particularidade política que as assemelha e cria sua união.(fonte) Quando fala-se sobre gênero, sexualidade ou de qualquer aspecto identitário que levante uma bandeira dentro dos

assuntos da comunidade LGBTQI+, as noções que constroem o percurso constitutivo que criminaliza e marginaliza o Funk são as mesmas.

Quando se trata sobre corpo e sexualidade, o Funk abre espaço para um diálogo intenso e franco, que naturaliza assuntos sociais como discussões de gênero, raça e classe, que são constantemente distanciados pelo Estado e vistos como tabus perante à sociedade, enquanto o sistema político e ideológico tenta controlar e educar a sexualidade a partir de suas visões pautadas em sistemas e ideologias próprios que ocultam as relações reais. Assim, instala-se uma visão de gênero resumida apenas como feminino e masculino, que nada mais é do que apenas uma performance produzida pelos discursos que regulamentam os corpos e o sexo. (LE BRETON, 2007)

A partir da obra *A Sociologia do Corpo* (2007), O filósofo David Le Breton compreende a corporeidade humana como fenômeno social e cultural, motivo simbólico, objeto de representações e imaginários. O estudo parte da premissa de que o corpo é vetor semântico que se constitui a partir de seu contato com o mundo, que constantemente constrói sua individualidade a partir de suas relações sociais experienciadas. O autor afirma que:

Emissor ou receptor, o corpo produz sentidos continuamente e assim insere o homem, de forma ativa, no interior de dado espaço social e cultural. Qualquer que seja o lugar e a época do nascimento e as condições sociais dos pais, a criança está predisposta inicialmente a interiorizar e a reproduzir os traços físicos particulares de qualquer sociedade humana. (BRETON, 2007 p. 8)

Neste sentido, a significação do corpo, do gênero e da sexualidade, perpassa por um conjunto de fronteiras individuais e sociais que se moldam por um viés político mantido e cavado nas relações sociais, realizando o entrelace das potencialidades do mundo cultural ao corpo.

A conexão destes dois seguimentos se faz presente no estigma proposto pela ideologia dominante que marginaliza celebrações de identidades de gênero e da cultura LGBT em busca de direitos, assim como criminaliza questões artísticas da periferia. A função política e social das movimentações e celebrações LGBT's, é reconhecer o ferveo como um protesto de viés político que visa denunciar uma retórica preconceituosa socialmente construída, e o Funk enquanto gênero musical popular, pode-se compreender em sua utilização também pela comunidade

LGBTQIA+⁶ como instrumento de subversão. Compreende-se a partir desse direcionamento, os famosos fervos como Bailes Funks e Paradas LGBT's como movimentações que celebram a existência de uma camada popular que vem sendo excluída historicamente por um mesmo sistema estatal que atua de forma expressiva e significativa.

Com o crescimento exponencial do Funk na cidade do Rio de Janeiro com a Furacão 2000, foi-se desenvolvendo uma aproximação da juventude das periferias e até dos bairros nobres e de áreas centrais da cidade. Assim, era-se perceptível a ruptura de paradigma dentro da cultura que o Funk estava criando.

O Ritmo se revoluciona novamente quando as mulheres entram em cena e comandam o que antes era feito apenas por homens. A Furacão 2000 que serviu como grande ferramenta de divulgação do funk no país, criou uma extensa lista de ícones do mundo do Funk que fizeram e continuam fazendo história dentro do movimento, como Tati Quebra-Barraco, Mc Kátia, Mãe Loira, Valesca Popozuda e Mc Carol. Estes nomes representam personalidades femininas que vem dando apoio explícito às causas feminista e LGBT e mais uma série de fenômenos questionaram o papel do gênero e sexualidade nas favelas. (KONDZILLA, 2019).

A abordagem sobre sexo no Funk era predominantemente dominada por homens e gradativamente as mulheres foram assumindo este espaço, podendo cantar abertamente sobre suas experiências ou preferências sexuais. Nesta época, pautas sobre sexualidade e relações LGBT's já eram também muito bem acentuadas nas letras das músicas de forma franca e intensa, abrindo espaço para todos os artistas independente do gênero e sexualidade.

Figura 03: Valesca Popozuda no Palco da Furacão 2000

⁶ **LGBTQIA+** é o movimento político e social que busca lutar pelos direitos e inclusão de pessoas de diversas **orientações sexuais e identidades de gênero**. (Disponível em: <https://www.educamaisbrasil.com.br/educacao/dicas/qual-o-significado-da-sigla-lgbtqia>) Acesso em: 30 de novembro de 2020.



Fonte: <https://aibnews.com.br/barra-music-recebe-o-ensaio-da-grande-rio-com-valesca-popozuda-mc-bola-pixote-e-furacao-2000/>

Posteriormente, as portas também se abriam para artistas LGBT's ocuparem a cena. Nomes como Mc Trans, Mulher Pepita, Mulher Banana e Mc Xuxú foram surgindo ao longo dos anos, trazendo para o universo do Funk um debate necessário sobre gênero, sexualidade e liberdade sexual. Abrindo assim, um espaço social que dialoga através da essência mais pura da arte, sobre uma tratat

Figura 04: Mulher Pepita



Fonte: <https://mynd8.com.br/squad/pepita/>

Hoje, o cenário do Funk é composto por uma extensa lista de artistas LGBT's que vem se destacando no gênero pelo Brasil. Além disso, o ritmo também ocasionou a abertura de um novo universo de possibilidades para que a comunidade explorasse outros ritmos musicais e ocupassem cenas que jamais foram ocupadas por artistas LGBTs, nomes como: Linn da Quebrada, Ludmilla, Pablllo Vittar, Tássia Reis, MEL, Johnny Hooker e Liniker ocupam o cenário musical brasileiro contribuindo para esse desdobramento das questões relacionadas a gênero e a luta LGBTQIA+, somando gradativamente para a luta da inclusão social e fazendo jus a todo movimento levantado pelos artistas que ocuparam um cenário ainda mais precário e repressivo no passado.

Em uma entrevista concedida para o canal UOL TAB em 2019, uma das artistas contribuintes para o cenário musical LGBT do país, Linn da Quebrada descreve sua realidade como uma disputa de ocupar o espaço de ser uma travesti e de reinventar um imaginário social. A artista completa:

Quero que quando eu diga travesti, o que surja na sua cabeça sejam outras imagens. Se antes as imagens que vinham acompanhadas do termo travesti estavam ligadas a prostituição, a violência, a morte, eu proponho que para além disso, quando eu diga a palavra travesti, que vocês consigam pensar em ter filhas travestis ([OS FEITIÇOS E OS DESEJOS DE LINN DA QUEBRADA, 2019](#)).

É importante que artistas como Linn, Lacraia e Mulher Pepita e várias outras ocupem cada vez mais os meios de produção artística, como a TV, os cinemas, os palcos e as rádios, desafiando as possibilidades de gênero e sexualidade num sentido representativo que visa incluir essa parcela da sociedade, normalizando a diversidade no coletivo social e nos meios midiáticos. É importante a sociedade se acostume e normalize a possibilidade de ver muitas travestis, negros e pobres alcançando todas as oportunidades que antes lhes eram negadas.

Figura 05: Linn da Quebrada



Fonte: <https://ponte.org/linn-da-quebrada-minha-musica-e-feitico-manifesto-denuncia-e-tambem-ponte/>

4.3 Lacreia: história

Neste subtítulo se faz necessário a abordagem do percurso histórico de Lacreia enquanto artista e símbolo de paradigmas colocados socialmente, perpassando suas questões individuais e, também, profissionais, que se unem em uma significação de simbologias que atravessam o tempo para permanecerem como resistência de todo um grupo na atualidade.

As fontes aqui utilizadas foram retiradas de uma publicação no site BuzzFeed do dia 4 de junho de 2020, que foi realizado a partir de um apanhado de relatos realizados por uma estudante da cidade de Pernambuco que se interessou pela história de Lacreia e viralizou com sua coleta de informações pelo Twitter. Não se sabe até que ponto estas informações são verdadeiras. Entretanto, os detalhes da história de Lacreia não interferem estritamente nas tratativas desta monografia. A história soma-se na visualização e representação de Lacreia num sentido simbólico e dos signos de sua trajetória.

Figura 06: Lacreia



Fonte: <https://www.meiahora.com.br/celebridades-e-tv/2020/06/5928673-invisibilidade-da-funkeira-lacraia-como-negra-e-lgbt-vira-assunto-na-web.html>

Antes que o movimento LGBTQIA+ e a luta por igualdade de gênero ocupassem os meios simbólicos, no ano de 2002, quando o Funk ainda era visto como um movimento majoritariamente consumido e designado para homens e mulheres héteros da periferia, nasce um símbolo representativo dentro da história da cultura popular brasileira. Marcos Aurélio Silva, conhecido nacionalmente como LACRAIA, nascido e criado na comunidade do Jacarézinho no Rio de Janeiro, surgiu no mundo do Funk revolucionando tudo o que em algum dado momento histórico já tinha-se experienciado. LACRAIA era uma bicha preta e pobre que desafiava o binarismo de gênero através da dança ao lado de sua dupla, MC Serginho, que conheceu nos bailes em que o artista também atuava como DJ, dentro da mesma comunidade.

O duo MC Serginho e LACRAIA fizeram história no cenário musical proporcionando hits como “Vai LACRAIA!” e “Éguinha Pocotó”, que foram uma das músicas com maiores reproduções nas rádios do Brasil entre 2002 e 2003. Assim, a dupla que carnaliza as regras de gênero conquistou os holofotes da mídia brasileira e fizeram presença até em programas de TV como A Tarde É Sua, Domingo Legal, O Melhor do Brasil e Pânico na TV, rendendo às emissoras recordes e lideranças de audiência.

Mc Serginho e Lacreia se tornaram um símbolo nacional do Funk, conquistando para além de apenas uma geração de jovens, grandes artistas como Ivete Sangalo, Rita Lee, Caetano Veloso e Preta Gil, todos admiradores do trabalho produzido por eles.

Figura 07: Mc Serginho e Lacreia



Fonte: <https://www.reporterdiario.com.br/noticia/286931/morre-a-dancarina-de-funk-lacreia/>

A artista também contribuiu para o cenário humorístico da televisão, se apresentando ao lado de nomes como Tom Cavalcante, Shaolin e Tiririca. Lacreia se tornou um símbolo de simpatia, criatividade e bom humor, o que a levou a cair ainda mais no gosto popular

Antes da fama, Lacreia já tinha trabalhado com um pouco de tudo. Já foi cabeleireira em um salão de beleza, maquiadora, Drag-Queen, camelô e até camareira. Antes de conhecer Serginho, já tinha performado como Margarete Robocop, mas a proposta não levou a artista muito longe naquele momento. Nos anos 90, também participou do Teatro Expressionista da Associação Brasileira Interdisciplinar DE AIDS, onde contribuiu com políticas de prevenção ao HIV. Em uma entrevista concedida no livro *Funk-Se Quem Quiser* (2010) para a escritora Adriana Carvalho Lopes, Lacreia comenta:

Eu sei que ainda tem muita discriminação, mas eu considero a Lacreia como um marco na televisão brasileira: um veado, preto e pobre, que, brincando, mostra um rebolado mais bonito que de muita mulher; um veado que passou a fazer sucesso na TV, antes que qualquer homossexual aparecesse em novela. Aliás, o que não pode na novela pode no nosso palco: o beijo na boca (LOPES, 2010, p 192).

A partir da análise feita pela escritora Adriana Carvalho Lopes (2010), durante sua trajetória, Lacreia revolucionava em tom irônico os conceitos de gêneros cavados de homem e mulher considerando-se uma quase-mulher, evidenciando a naturalidade nas demais possibilidades de gêneros e construindo um legado na mídia jamais ocupado por uma bicha preta e pobre. O que Lacreia estava fazendo através do Funk era inédito e progressista, a artista contribuiu fortemente para que a comunidade LGBT fosse visualizada para além do crime e da pejoratividade, abrindo um espaço representativo para que outros jovens se sentissem confiantes para acreditar num futuro promissor dentro da música, do cinema e dos meios simbólicos.

Ainda que a artista tenha conquistado seu espaço na mídia e até então, a aceitação pelo público, ainda existia um abismo entre sua realidade e aquela na qual a mesma estava se inserindo. Lacreia foi vítima de humilhações em programas televisivos que viam sua imagem ligada apenas ao entretenimento. Em uma proposta falsa de casamento no “Programa da Eliana”, Lacreia atuou como noiva de um homem hétero que se recusou a beijar a noiva no final da cerimônia, sendo exposta ao ridículo e se limitando ao mero papel de alívio cômico para a audiência.

Figura 09: Participação de Lacreia em um Quadro no Programa da Eliana



Fonte: <https://www.buzzfeed.com/br/saadmatheus/thread-conta-historia-funkeira-lacreia>

Em um segundo momento, a artista também foi alvo de racismo numa tentativa de homenagem no programa O Melhor do Brasil, produzido pela Rede Record e estrelado por Rodrigo Faro, onde o apresentador pratica *blackface*⁷, se “fantasiando” de lacaia e reproduzindo seus movimentos de dança num propósito claro de ridicularizar a maneira afeminada como a artista performava eventualmente.

Figura 08: Participação de Lacaia no Programa O Melhor do Brasil



Fonte: <https://andravirtual.com.br/mostra.asp?noticias=17146#.X5XJKohKhPY>

A vida ensinou na marra como Lacaia se tornaria individualmente evoluída mas precisou lidar com uma sociedade problemática e engessada que em seus valores ideológicos era composta por indivíduos que foram ensinados a reproduzir práticas homofóbicas e racistas de formas naturalizadas.

No ano de 2009, Mc Serginho e Lacaia optaram por seguir carreira solo e preservar estes 10 anos de parceria que revolucionaram o cenário musical brasileiro, trazendo novos rumos para o Funk de Periferia. A artista então, optou por seguir carreira como DJ de música eletrônica, lançando "Solta a Maricona" e "Estilo Pantera Cor de Rosa", que também fizeram sucesso nas boates LGBT's da época.

⁷ Blackface se refere à prática teatral de atores brancos que se coloriam com o carvão cortiça para representar personagens afro-americanos de forma exagerada. (Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Blackface>) Acesso em: 30 de novembro de 2020.

Figura 10: Lacreia

Fonte: <https://observatoriodemusica.uol.com.br/noticia/verdades-sobre-dancarina-lacreia-vem-a-tona-10-anos-apos-sua-morte-e-viralizam-na-web>

Na madrugada de terça-feira do dia 10 de maio de 2011, vítima de Tuberculose, Lacreia faleceu aos 33 anos no Hospital Universitário Gaffrèe Guinle na Tijuca, na Zona Norte do Rio de Janeiro, onde estava internada. O corpo da artista foi velado na capela 10 do cemitério de Inhaúma.

Lacreia foi uma artista necessária que quebrou as barreiras de gênero conquistando o coração de milhões de brasileiros por sua simplicidade, persistência e bom humor. Hoje, o legado que a artista construiu abre portas para que novos artistas e jovens LGBT's se sintam encorajados a lutar pelos seus direitos e tomarem a frente de causas políticas que tentam os calar o tempo todo. A história de Lacreia continua viva dentro dos corações brasileiros, sendo extremamente memorável no cenário musical brasileiro e impactando as novas gerações de forma significativa e poderosa.

5 EXECUÇÃO DO MÉTODO (ANÁLISE, RESULTADOS E DISCUSSÃO)

Percebe-se, a partir da premissa do Funk enquanto produto de encontro do indivíduo versus sociedade, que com sua chegada nas periferias e já estabelecida a conexão entre favela e funk, o direito de lazer e de utilizar-se da música como oportunidade de fala e alcance na sociedade estaria sendo negado ao morador da periferia pelo próprio sistema que o criminaliza, uma vez que analisado historicamente como nosso cenário político vem perseguindo e criminalizando o direito de produzir arte e todo tipo de conteúdo que provem de uma conduta não-dominante. Esse olhar se densifica com as perseguições massivas dentro dos bailes funks, como se faz notar o tratamento policial agindo de maneira extremamente agressiva e desrespeitosa.

Evidencia-se, assim, a partir das colocações do indivíduo enquanto espectador e cimentado pela ideologia, como estas truculências são transmitidas nos jornais, nas rádios e em outros meios de comunicação sem que ninguém se proponha a questionar a postura destes profissionais.

São estas festas, denominadas bailes funk, que são perseguidas, mais do que a música tocada nelas. Este cenário se adensou ainda mais com a instalação das Unidades de Polícia Pacificadora (UPPs) em diferentes comunidades populares, através da imposição de regras para a regulamentação dos bailes que na prática impediram a sua realização. Por outro lado, o artista funk, em sua hábil manipulação do mercado que quer atingir, produz diferentes versões de acordo com o contexto de sua circulação. Invariavelmente uma música possui duas versões, a “pesada” e a “light”, com a segunda amenizando letras de músicas que de outro modo estariam impedidas de circular pela sociedade ampla e sem tocar em espaços formais como o rádio e a televisão (MIZHARI, 2014 p. 23).

Uma situação recente e conhecida, por conta da repercussão nas mídias digitais e redes sociais on-line, se faz como exemplo destas ocorrências. A truculência em questão aconteceu no dia 1 de dezembro de 2019 em Paraisópolis, segunda maior favela de São Paulo e quinta maior do Brasil, pertencente ao distrito de Vila Andrade, na Zona Sul paulista.

Figura 11: Paraisópolis



Fonte: <https://epoca.globo.com/brasil/a-expressao-das-pecoas-era-de-choque-diz-morador-de-paraisopolis-24123412>

Em Paraisópolis, quando se fala de serviços públicos, o Estado atua minimamente proporcionando aos moradores condições de saúde e educação extremamente limitados e precários (PARAISÓPOLIS: Cultura Popular e Dominação, 2019 s/p). O que deveria ser feito como prioridade pelo Estado, está bem distante de ser uma prioridade.

No dia 1 de novembro de 2019, um sargento chamado Ronaldo Ruas Silva foi morto em um confronto policial em Paraisópolis. No dia seguinte após a morte de Ronaldo, a Polícia Militar de São Paulo avisou que a comunidade de Paraisópolis seria alvo de uma operação em que a PM ocuparia toda a comunidade sem data prevista para o término - conhecida como operação saturação - que resultou em um aumento significativo neste aparato de repressão nas relações entre os policiais e moradores da comunidade. Em Paraisópolis, o Estado já é mínimo faz muito tempo. Os serviços públicos para atender os 100 mil habitantes são limitados e quando o Estado se faz notar, é com repressão, com a polícia militar (PARAISÓPOLIS: Cultura Popular e Dominação, 2019 s/p)

Conforme já avisado a partir da morte de Ronaldo Ruas Silva, a polícia militar se manteve presente durante todo o mês de novembro ocupando todas as ruas da comunidade, tendo então, a violência como principal ferramenta. Exatamente um mês depois, ocorreu uma desastrosa intervenção policial no Baile da 17, um evento que contava com mais de 5 mil pessoas onde os policiais geraram uma grande confusão que resultou na morte de 9 jovens inocentes, todos pisoteados pela

multidão que estava sendo violentada, reprimida, espremida e açoitada pela polícia. O que deveria ser um momento de lazer e diversão para a comunidade, se transformou em uma tragédia pelas mãos de um órgão público que deveria, até então, proporcionar a segurança do local.

Após o ocorrido, a Polícia Militar se posicionou em nota, informando que o caso seria apurado, o que gerou uma grande revolta na comunidade que perdeu 9 de seus jovens para uma intervenção policial que atuou de forma cruel e desumana. Na mesma semana, moradores da comunidade se reuniram para um protesto contra a ação feita pelos policiais.

Figura 12: Protesto contra ação policial em Paraisópolis



Fonte: <https://outraspalavras.net/outrasmidias/massacre-do-baile-funk-revolta-paraisopolis/>

Figura 13: Protesto contra ação policial em Paraisópolis



Fonte: <https://outraspalavras.net/outrasmidias/massacre-do-baile-funk-revolta-paraisopolis/>

Sem que se exija grandiosos esforços, percebe-se bem estritamente a diferença no tratamento policial a partir da classe com a qual esteja-se dialogando. Em nenhum outro dado momento histórico, a sociedade pôde assistir ou presenciar estes tratamentos massivamente violentos e repressivos em bairros nobres ou festividades estruturadas por classes majoritariamente não-pobres. O tratamento policial para com jovens pobres, LGBTQIA+ e constituintes de minorias sociais vem se moldando ao longo de todos esses anos por meio da violência e da criminalização de sua conduta de entretenimento.

Portanto, soma-se estas ocorrências nos recortes feitos anteriormente: A polícia atuando como Aparelho Ideológico do Estado que por meio da violência e da Ideologia dominante, integra-se no interesse político de dominação social e de que todas produções artísticas das camadas populares passem por esse processo de silenciamento, criminalização e sofram repressão do Estado.

O Aparelho de Estado (AE) compreende: o Governo, a Administração, o Exército, a Polícia, os Tribunais, as Prisões e etc, que constituem aquilo a que chamaremos a partir de agora o Aparelho Repressivo de Estado. Repressivo indica que o Aparelho de Estado em questão, funciona pela violência, pelo menos no limite, porque a repressão, por exemplo administrativa, pode revestir formas não físicas. (ALTHUSSER, 1970 p. 43).

Segundo o filósofo Jean-Paul Sartre (1943) a violência, seja qual for a maneira como ela se manifesta, é sempre uma derrota. O formato repressivo pelo qual os policiais militares optaram por intervir no Baile da 17, tendo a violência como principal ferramenta, é um retrato muito bem pintado de como esse cenário político

se faz massivamente presente num interesse de dominação pública sem pudor e nenhum tipo de escrúpulos. A violência sempre provém da falta de razão do homem, o poder concedido à Polícia pelo Estado de intervir através da violência, só salienta a imagem de um sistema político que se estrutura através da desigualdade social e do silenciamento destas camadas populares.

Entretanto, como a violência policial tem uma dinâmica própria, fundada em concepções e políticas social e racialmente discriminatórias, é inevitável que pessoas comuns, inocentes sejam objeto da brutalidade policial, que não se justifica mesmo contra os chamados “marginais”. Para estes, existe a lei, que devia existir também para o policial que mata sem motivo legítimo, que humilha, agride, espanca, tortura (MACHADO & NORONHA, 2002 p. 219)

O comando policial é parte de um sistema que coloca o combate da criminalidade acima da aplicação da lei e proteção da sociedade. Assim, implica-se a necessidade do Estado em se preocupar na implementação de políticas de segurança pública que se prontifique na criação de meios efetivos e justos que promovam a segurança da cidadania.

Coloca-se a partir daqui a necessidade de observar o interesse político dentro destas truculências realizadas pela Polícia Militar. O dever social da polícia, seria garantir a segurança da comunidade e assegurar o afastamento do tráfico de drogas dentro destes bailes. Na prática, o funcionamento deste aparelho repressivo se desdobra por influências ideológicas e problemáticas que direcionam suas forças para o combate de tudo que soma para a expressão cultural e artística do pobre, e não diretamente para o tráfico. Em uma reportagem feita pelo site G1, em 2019, a mãe de um jovem que foi violentado pela polícia na intervenção feita no “Baile da 17”, comenta:

[...] é uma guerra ao pobre. Se fosse nos Jardins (bairro de classe alta de SP), a coisa seria bem diferente. Até a forma da polícia abordar é diferente. O problema não é o funk, é a cultura da periferia, é o lazer.

Ao colocar os bailes funks em uma comparação com as famosas Raves⁸, que são festas produzidas majoritariamente por jovens de classe média, identifica-se que ambos os eventos possuem músicas altas e uso excessivo de drogas, mas percebe-se um abismo entre o tratamento policial dentro destes dois campos sociais.

⁸ Raves são festas dançantes em que se toca música eletrônica, realizadas por mais de uma noite e em grandes espaços afastados dos centros urbanos. (Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Rave>) Acesso em 30 de novembro de 2020.

Questiona-se por que o que fora construído para o lazer e cultura do pobre no olhar da polícia se faz preciso a prática da criminalização e da intervenção repressiva, enquanto por outro lado, é dado o direito de lazer sem hesitações policiais nas Raves, ainda que o tráfico de drogas aconteça escrachadamente.

No contexto social, o corpo do pobre é sempre destinado a exploração no mercado de trabalho, como uma unidade de produção. Entretanto, acesso a riqueza e às grandes graças da vida como lazer e cultura, se dão através de um discurso meritocrata, que faz com que o pobre acredite que precise trabalhar cada vez mais para ter acesso a estas particularidades, o que de fato, não acontece na prática. Quanto mais ele trabalha, mais dinheiro se gera e mais rica a elite se torna. A sociedade é constantemente socializada por um discurso que os faz acreditar que a pobreza é um fracasso pessoal, e não dos sistemas que nos conduzem.

O corpo do pobre pertence ao Estado e é dominado pela grande elite desde que o mundo é mundo, e quando ele se manifesta através da dança e da cultura da periferia, seja ele um homem hétero ou uma travesti estrelando num programa de TV, ele mostra poder e autoridade á si mesmo, transformando o funk em protesto e reestruturando a dominação que a elite vem construindo ao longo dos anos.

Diante destas afirmações, é perceptível a revolução construída a partir da trajetória de Lacraia no mundo do Funk. A artista correspondia a todos critérios para as noções de corpo erradicado propostos pela Ideologia: travesti, negra, pobre e de periferia. Assistir Lacraia ocupar um espaço no cenário musical e televisivo brasileiro, representando uma camada popular que jamais fora representado nos meios simbólicos é extraordinário.

Toda vez que uma travesti pisa fora de casa, já é um protesto, já é revolucionário. O poder que Lacraia teve em mãos de poder desafiar as questões de gênero e raça através do Funk e embaralhar os padrões brancos de beleza e de heterossexualidade despertou um novo questionamento na sociedade. Os símbolos criminosos que antes foram propostos junto da imagem de uma travesti, agora se hesitam ao acompanhar a arte de uma bicha preta se tornar trilha dos jogos de vôlei de praia nas Olimpíadas de Atenas em 2004.

Figura 14: Lacraia



Fonte: <https://www.ofuxico.com.br/noticias-sobre-famosos/amigo-anuncia-no-twitter-a-morte-do-dancarino-de-funk-lacraia/2011/05/10-108127.html>

Em uma matéria publicada pelo site da UNFPA Brasil em janeiro de 2020, comenta-se na terceira edição do Dossiê dos Assassinatos e da Violência Contra Pessoas Trans Brasileiras publicado pela Associação Nacional de Travestis e Transexuais (ANTRA), o fato de que o Brasil continua sendo o país que mais mata travestis e transexuais no mundo. É necessário que estas discussões se façam presentes na política e na educação brasileira para que se desenvolva ações efetivas para inclusão desta camada popular na sociedade e que a população normalize a existência da diversidade de gênero, raça e sexualidade. É essencial que se faça o levantamento de questões tais como: Por que não vemos uma travesti ocupando cargos grandiosos? Liderando empresas, vivendo uma vida justa e em uma posição profissional respeitada? O fato do Brasil ser o país que mais mata pessoas transexuais no mundo não assusta a população e nenhuma atitude é tomada. A luta pela igualdade de gênero, raça e sexualidade provem da dor de um povo incessantemente sufocado pelo Estado, mas extremamente forte, persistente e com sede de voz.

Figura 15: Lacraia



Fonte: <https://www.xisclub.com.br/2011/05/morre-a-funkeira-lacraia/>

A representatividade de Lacraia se faz extremamente necessária no processo de criação e desenvolvimento de novas referências, abrindo espaços para a identificação de outros corpos, outros gêneros ou sexualidades, e por mais que o Estado não os aceite, a imagem enquanto corpo erradicado continuará se desdobrando perante o olhar da sociedade através de seus talentos e de sua persistência, conquistando cada vez mais tudo aquilo que lhes foram historicamente negado.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir dos recortes e das análises realizadas ao longo da presente monografia, conclui-se a que o Estado tem um poder incontestável no processo de construção de identidade do sujeito, sendo ele desenvolvido através de discursos baseados em valores ideológicos e interesses políticos de dominação social que nos são passados historicamente durante nosso processo evolutivo. Aparelhos como o Estado, a Escola, a Polícia e a Igreja reforçam estes discursos que afastam a sociedade do interesse pela consciência de classe e que automaticamente a conduz num sentido fugitivo da verdadeira realidade, vivendo em uma possível ilusão de mundo idealista e de condutas que constroem uma narrativa problemática e preconceituosa. Para a elite que se alimenta da dominação social e da vulnerabilidade do pobre, é interessante mantê-lo afastado do conhecimento de sua

liberdade para que o mesmo não se posicione e nem questione as condições de existência que lhes são atribuídas. Quando o pobre se manifesta e se rebela contra o Estado, toda e qualquer movimentação realizada será automaticamente criminalizada e apresentada a população de maneira pejorativa e depreciativa, confirmando a veracidade da hipótese proposta no início deste projeto.

É diante deste processo que o Funk vem se moldando historicamente como movimento de luta, por uma classe que vem incessantemente sendo sufocada e silenciada por estes aparelhos repressivos. Toda produção ou condição de existência que provenha de uma classe não dominante e não condizente com o que elite e seus discursos ideológicos se esforçam a preservar, automaticamente se faz criminalizado e afastado das outras camadas sociais. O mesmo discurso que criminaliza o funk, também criminaliza questões de gênero, classe e sexualidade, fazendo com que as demais classes sociais que condizem com os critérios estabelecidos pela ideologia dominante, sejam fortemente influenciadas em repugnar o pobre, o negro, o LGBT reforçando a problemática deste fato como um problema racial, de classe e de gênero, sem que essa influência se faça visível. O discurso do Estado adentra na consciência do sujeito fazendo com que estas classes acreditem fortemente que são donas de seus próprios discursos, assim, não questionando o interesse de dominação social do Estado e ainda contribuindo para este processo.

Dito isto, as problemáticas que cercam a criminalização do Funk e dessa retórica preconceituosa socialmente construída pelo Estado e seus discursos ideológicos, devem ser constantemente questionadas e levadas para posições além dos aparatos públicos do estado, mas também educacionais, para que estes impasses possam efetivamente surtir efeitos e caminhar para uma sociedade menos depreciativa e inclusiva. Para que possamos viver em um cenário onde a população possa reavaliar seus posicionamentos e questionar por que seus ideais e principalmente um órgão que deveria nos proporcionar segurança como a Polícia Militar, ferem tanto a existência e a liberdade do outro.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALTHUSSER, Louis. **Ideologia e aparelhos ideológicos de Estado**. Lisboa: Editorial Presença/Martins Fontes, 1970, 43 p.

BARACUHY, Regina. **A produção discursiva da identidade nordestina no gênero propaganda turística**. São Carlos: Revista Linguasagem, 2008, 2 p.

BRETON, David Le. **A sociologia do Corpo**. Petrópolis: Editora Vozes, 2007, 8 p.

FIANCO, Francisco. **Adorno: Ideologia, cultura de massa e crise da subjetividade**. Gravataí: Revista Estudos Filosóficos, 2010, 3 p.

FOULCAUT, Michel. **A ordem do discurso**. São Paulo: Edições Loyola, 1996, 10 p.

LOPES, Adriana Carvalho. **Funk-se Quem Quiser: No batidão negro da cidade carioca**. Rio de Janeiro: Editora Bom Texto, 2010, 192 p.

LUCHTEMBERG, William Rosa. **O Fervo também é Luta: A voz da militância LGBT através do Funk**. Ipanema: Editora 7 letras, 2017, 13 p.

MACHADO, Eduardo Paes; NORONHA, Ceci Vilar. **A polícia dos pobres: violência policial em classes populares urbanas**. Porto Alegre: SOCIOLOGIAS, 2002, 219 p.

Meteoro Brasil. 1 Vídeo (11 min). **PARAISÓPOLIS: CULTURA POPULAR & DOMINAÇÃO. Publicado pelo canal Meteoro Brasil**, 2019. Disponível em: <<https://youtu.be/xdz-h9kSs4M>>. Acesso em: 11 out 2020.

MIZRAHI, Mylene. **A Estética Funk Carioca**. Ipanema: Editora 7 letras, 2014, 21 p.

MIZRAHI, Mylene. **A Estética Funk Carioca**. Ipanema: Editora 7 letras, 2014, 24 p.

Senado Federal, E-cidadania. **Ideia Legislativa: Criminalização do funk como crime de saúde pública a criança aos adolescentes e a família**. Disponível em <<https://www12.senado.leg.br/ecidadania/visualizacaoideia?id=65513>>. Acesso em: 30 mai. 2020.

SILVA, Ludovico. **A mais-valia Ideológica**. Santa Catarina: Editora Insular, 2017, 35 p.

SILVA, Valter Souza da; RODRIGUES, Marlon Leal. **Análise do Discurso: A caminhada de Pêcheux, e conceitos basilares da teoria**. Campo Grande: INTERLETRAS, 2017, 4 p.

SILVA, Valter Souza da; RODRIGUES, Marlon Leal. **Análise do Discurso: A caminhada de Pêcheux, e conceitos basilares da teoria**. Campo Grande: INTERLETRAS, 2017, 9 p.

SILVA, Valter Souza da; RODRIGUES, Marlon Leal. **Análise do Discurso: A caminhada de Pêcheux, e conceitos basilares da teoria**. Campo Grande: INTERLETRAS, 2017, 10 p.

UNFPA Brasil. **Brasil continua sendo o país que mais mata travestis e pessoas trans no mundo, alerta relatório da sociedade civil**. Disponível em: <<https://brazil.unfpa.org/pt-br/news/brasil-continua-sendo-o-pa%C3%ADs-que-mais-mata-travestis-e-pessoas-trans-no-mundo-alerta-relat%C3%B3rio>>. Acesso em: 25 out. 2020.

UOL TAB. 1 Vídeo (11 min). Os feitiços e os desejos de Linn da Quebrada. **Publicado pelo canal Uol Tab**, 2019. Disponível em: <https://youtu.be/Exlrwc_HVtw>. Acesso em: 11 out 2020.

VAISMAN, Ester. Althusser: **Ideologia e aparelhos de estado – velhas e novas questões**. São Paulo: Projeto História, 2006, 9 p.

SOUZA, Ramon Andrade de; MARTINS, Marco Antônio Matos. **Discussões Culturais e Homossexualidade – A Homofobia nos espaços públicos e a produção do Gueto**. Salvador: Centro de Convenções da Bahia, 2011, 1 p.

SOUZA, Gustavo. **Culturas urbanas periféricas no documentário brasileiro: Funk, Hip-Hop e Samba**. Salvador: Encontro de Estudos Multidisciplinares em Cultura, 2016, 2 p.